

ENCONTRO COM UM "OUTRO": APRENDENDO E ENSINANDO EM TEMPOS DE COLONIALIDADE.

FERREIRA, Vagner - Discente do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL, Americana/SP.

SANTOS, Dickson Vasconcelos - Discente do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL, Americana/SP.

Orientadora: Valéria Oliveira de Vasconcelos

EIXO TEMÁTICO - POLÍTICAS PÚBLICAS: DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO

Resumo

Este trabalho tem por objetivo produzir reflexões sobre como ainda se faz presente a ideia da colonialidade nas relações sociais cotidianas. A partir dos conhecimentos compartilhados durante as discussões realizadas na disciplina “Educação como Cultura”, do programa de Mestrado em Educação Sociocomunitária do Centro Universitário Salesiano (Americana/SP), pretendeu-se problematizar o fato de que, embora há séculos tenha ocorrido um movimento de emancipação política na América Latina, encerrando o período de colonização histórica, à luz da linearidade temporal positivista, permanecem marcantes traços de dominação e submissão entre atores sociais heterogêneos. Dessa forma, procuraremos desvelar que algumas pessoas detentoras de um maior poder econômico e de saberes tradicionais erigidos por uma educação formal, encontram-se em posição de superioridade em relação a segmentos de “outros” sujeitos que, por sua vez, estão alijados de expressarem suas manifestações, seu modo de pensar e de enxergar o mundo. Esses grupos, então, tornam-se oprimidos e, não raro, sequer são percebidos em um sistema totalizante que os exclui, assumindo, dessa forma a condição de invisibilizados. Pretende-se nesse artigo, também, viabilizar a possibilidade de um encontro dialógico, mediante o compartilhamento de saberes, e o que pode se considerar ensino e aprendizado nessa experiência vivenciada. Ainda, a partir das denúncias e anúncios produzidos, criar bases, mesmo que incipientes e provocadoras, para uma ação política que propicie a construção de autonomia daqueles invisibilizados. Para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa de base etnográfica, mediante observação e relato de experiência de um grupo de quatro pessoas que desempenham a atividade profissional de frentistas em três postos de gasolina, nas cidades de Campinas-SP e Piracicaba-SP. Como resultados, constatou-se que os sujeitos em questão percebem que são oprimidos em seu cotidiano e que há possibilidade de colaborar para sua autonomia e libertação. As reflexões propostas se sustentaram a partir de uma revisão da literatura produzida por autores, tais como: Enrique Dussel, Sonia Stella Araújo-Oliveira, Valéria Oliveira de Vasconcelos e Victor Vincent Valla, que apresentam uma sólida visão crítica acerca do problema aqui tratado.

Palavras-chave: colonialidade, invisibilidade social, frentistas, encontro dialógico.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é preciso entender que existiu, desde muito tempo e, persiste ainda nos dias de hoje, um pensamento marcante a respeito das relações de poder estabelecidas, a partir de um conceito de dominação exercido por uma ideologia, dita superior. Dessa forma, os considerados inferiores, pelo dominador, são excluídos de uma totalidade da qual não pertencem.

Nesse sentido, consolida-se, intencionalmente, e por parte de uma ideologia considerada "mais civilizada", a noção de que, ao entrar em contato com uma "outra"

realidade social, com seus hábitos, manifestações de comportamento, linguagem, regras de convivência, valores e sua maneira própria de viver, não haverá possibilidade de compartilhamento; ao contrário, os saberes daquela "outra" realidade não serão assim considerados, pois se trata somente de um atraso, de uma "des-civilização", justamente por serem, tais expressões, consideradas como algo inferior e, por que não dizer, uma *barbárie*.

Entende-se necessário, nesse contexto então, tentar buscar uma origem para esse estado de coisas, embora não se tenha a pretensão de afirmar que o aludido processo de dominação tenha sido linear ou pontualmente pinçado na teia de emaranhados que é a história de todos nós, na humanidade. Entretanto, cabe fazer um recorte histórico, cuja análise é do nosso interesse, a partir da ideia de uma hegemonia europeia, sobretudo após a consolidação dos Estados-Nação, no cômputo cronológico iniciado no século XV, em particular, com a expansão ultramarina ibérica e a chegada de tais potências no continente americano.

Intenciona-se, portanto, abordar questões de dominação cultural, impulsionada por um pensamento eurocêntrico, consolidado na colonização de povos originários das terras americanas que, mesmo após a ocorrência de uma conceitual independência política, permaneceu atuante até os dias de hoje. Falaremos, então, de colonialidade: uma ideia de hegemonia herdada daquele sistema, que está presente no contexto latino-americano, nas nossas relações habituais, havendo grupos de pessoas oprimidas por esse modelo e que, mesmo atuando na sociedade, assumem uma condição de invisibilidade social.

Pretende-se, também, instigar reflexões e propiciar uma constante problematização para que, a partir das denúncias e anúncios constatados, mediante um trabalho de pesquisa junto a um grupo de pessoas colocadas naquela situação, contribuir para a possibilidade de uma ação transformadora. Esta, por sua vez, que venha intensificar práticas vigentes que privilegiem o papel social das minorias oprimidas e invisibilizadas e que, também, esteja no escopo das políticas públicas da garantia dos direitos humanos, por parte do Estado.

UM CONCEITO DE SISTEMA-MUNDO: ORIGENS DA COLONIALIDADE

No plano histórico, a Europa foi palco de diversos conflitos no que, tradicionalmente, conhecemos pelo marco positivista do fim da Idade Antiga, mediante a queda de Roma, subjugada pelo domínio bárbaro. Nesse caminho linear, posteriormente, já no contexto medieval, também foi terreno de diversos embates, sobretudo, com a forte presença árabe-muçulmana. Cabe, no entanto, destacar, para não se limitar em um conceito raso, a crença da existência de múltiplas histórias, ocorrendo simultaneamente em outras partes do mundo e da humanidade (Oriente, África – por exemplo).

Mas, sob a ótica tradicional, ao superar esse quadro de instabilidade e consolidar seus impérios, coincide tal momento com a gênese do conceito de “Modernidade”, o qual coloca a Europa no centro desse mundo moderno, a partir da noção do início de uma totalidade e o “outro”, posto em contato, na chegada das terras chamadas americanas, ficaria exterior a esse novo sistema estabelecido, para isso, recorramos a Dussel (2005, p.58):

Propomos uma segunda visão de “Modernidade”, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental o mundo *moderno* o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) “centro” da História Mundial. Ou seja, empiricamente nunca houve História Mundial até 1492 (como data de início da operação do “Sistema-mundo). [...] Esta *Europa Moderna*, desde 1492, “centro” da História Mundial, constitui, pela primeira vez na história, a todas as outras culturas como sua “periferia”.

Entendida a concepção de um pensamento hegemônico eurocêntrico, em particular, mediante forte dominação ibérica, constata-se que, posteriormente, a despeito da “independência” política conquistada no século XIX, a colonização, enquanto sistema historicamente sabido, foi oficialmente encerrada. Entretanto, a ideia de dominação, ou de “nortear” as mais diversas expressões praticadas na América Latina, seja na educação, nas ciências, nas artes, nos saberes e no pensar está perpetuada até os dias de hoje. Assim, ocorreu um processo da colonização para a colonialidade; antes o “outro”, o habitante originário, nativo “des-civilizado” e desprovido de cultura e, hoje, vários “outros”, também em posição de inferioridade e alheios à percepção do sistema dominador, imperceptíveis do interesse social inclusivo, ou seja: invisibilizados.

Esses grupos, então, tornam-se excluídos de um sistema que entende (este novo sistema-mundo *norteador*) serem seus valores, sua educação e sua cultura a representação da totalidade dos verdadeiros e válidos saberes. Então, segmentos sociais dominantes, notadamente, instrumentados pelo poder econômico e ou pelo acesso a bancos escolares reprodutores de conhecimentos e conteúdos tradicionais (eurocentrados), ao ascenderem posições de prestígio, estabelecem um modelo de vida centrado na ideia de “ter chegado lá”, de “ter vencido” (uma vida boa), o qual consolida um plano de supremacia cultural, afastando outras possibilidades de cultura, de conhecimentos diversificados. Nesse sentido e, nos tempos atuais, não há como se pensar nem se admitir outras expressões, mas tão somente determinar seu modelo cultural unicista.

Mas, na lógica da dominação, a realidade se constrói com outras regras. Quando um mundo-totalidade considera que sua noção de vida boa (sinônimo de vida digna utilizado por Dussel) é superior, ideal e universalizante a única verdadeira e que ela deve ser o modelo adotado por outros mundos da vida e o impõe como único mundo de vida digna possível (universal), então, utilizando-se de diferentes estratégias, coloniza, domina os outros mundos da vida; o que inicialmente fora diferente é negado. A

homogeneização instaura o monoculturalismo. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 80).

É possível entender, então, que nas relações cotidianas sociais de hoje, ocorre um conjunto de práticas maniqueístas, prevalecendo um sentido de *pertencimento* versus *exclusão*, acerca sobre quem é ou não é: educado, culto, possuidor de saberes, aquele que deve ser ouvido e lido, entre outros aspectos – portanto, quem *venceu* e já *chegou lá* e aqueles “outros” que nunca alcançarão tal estágio. Então, embora tenhamos “evoluído” de um sistema colonialista: metrópole-colônia; para um modelo de aparente liberdade de escolha e da “livre circulação” do capital financeiro, existe uma realidade (não necessariamente colonialista, mas ainda colonial) que oprime grupos de pessoas não privilegiadas, excluídas e, simultaneamente, desprovidas de conhecimentos considerados legítimos e valorizados pelo sistema. Ou seja, estamos inseridos num modelo totalizante, que impõe, submete e impede “outras” possibilidades do saber e do pensar, tornado aqueles grupos inferiorizados, despercebidos, desqualificados e invisibilizados, assim sendo,

Nesta compreensão se fundamenta a totalidade como razão dominadora da que decorrem as estruturas socioeconômicas e políticas de dominação e exploração do sistema capitalista ainda na sua atual versão neoliberal. Ela também permeia as teorias que explicam e orientam a economia, a episteme científica e as lógicas das instituições legitimadoras desta ideologia (escolas, hospitais, oficinas, prisões), bem como as relações sociais, a forma de ser, estar e se relacionar com o mundo, com a construção do conhecimento e o saber. As relações hierárquicas entre tipos de saberes, uns pretendidamente universais perante outros tidos como locais, bem como a desqualificação das formas de saber, a produção de conhecimento e acúmulo de resultados sobre educar, cuidar da saúde, próprios dos povos originários e de descendentes das populações africanas escravizadas, fazem parte destas compreensões, e permanecem como herança colonial (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 101).

Portanto, torna-se compreensível o entendimento de que o legado colonizador, ao se perpetuar na atualidade, passou a ser convencional e convenientemente imposto e, ao mesmo tempo, aceito no sistema em curso. Ou seja, adotou-se como natural um modelo em que o dominador, referindo-se sempre àquele que se encontra em um patamar cultural dito superior, impossibilita que outros sujeitos compartilhem seus conhecimentos, saberes e manifestem suas culturas, além disso, suas diferentes maneiras de aprender e de ensinar. Pensemos, então, uma naturalização dessa visão em dispositivos engenhosamente implantados, aparentemente subliminares, nos meios de comunicação, no sistema escolar, nas relações patrão-empregado, nos contatos cotidianos durante aquisição de bens e serviços, na abordagem policial em comunidades empobrecidas, entre outros; pois, afinal, *sempre foi assim!* Na verdade, persiste uma forte ideia de que oprimidos devem permanecer passivos e, conseqüentemente,

acomodados e acostumados a esse tipo de relação excludente e, em última análise, que não se contraponham ao sistema. Tentar mudar esse *status quo*, ou seja, ao menos querer expressar suas especificidades, seu viver, poderia, certamente, ser entendido pelo sistema, como algo não natural, então

A expressão mais potente da eficácia desse pensamento pode ser descrita como a naturalização das relações sociais que suprimem/negam/invisibilizam as diferenças. Embora sutilmente mascaradas, elas contribuem para produzir e justificar desigualdades, discriminações, desqualificação de culturas, pessoas (originárias, pobres, da diáspora) são classificadas como inferiores, bárbaras, não civilizadas e impossibilitadas de exercerem seus direitos, desenvolver sua vida digna, conforme suas diferentes visões de mundo, segundo seus jeitos de ser, pensar, agir, se organizar, produzir, interpretar as experiências sociais. (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 102).

ENCONTRO COM OUTROS SUJEITOS: DIÁLOGOS COM FRENTISTAS

É, portanto, nesse cenário, que a Academia encontra espaço e campo fartos para, contrapondo-se a um sistema hegemônico e eurocêntrico, não mais necessariamente exclusivo da Europa, mas ainda do “Norte”, desempenhar um fecundo papel de denúncia em relação àqueles que, inadvertidamente, vivem na invisibilidade social. Por serem inferiorizados nas relações de poder presentes no sistema capitalista mundial em curso, sofrem discriminação, desatenção e preconceitos de toda ordem, por alguns segmentos representantes de uma cultura impregnada de colonialidade.

Sobressai, então, a ação do(a) pesquisador(a) com o propósito de ouvir os anúncios proferidos por “outros sujeitos” e, muito mais do que isso, buscar um encontro dialógico com eles; não se trata somente de um contato raso, superficial e descompromissado, ao contrário, uma aproximação e convivência permeada pela absoluta noção de ética e que seja transformadora.

É preciso, assim, implementar um esforço permanente de se conseguir “olhar com os olhos desses outros”, entendendo suas realidades, experiências, conhecimentos e saberes, em um processo efetivo de compartilhamento; lembremo-nos que, quase nunca, são vistos em uma sociedade excludente e talvez esse contato horizontal e humanizador seja a única oportunidade de anúncio, de sua parte, em relação à postura de dominação na qual estão inseridos.

Há que se entender que tal prática pressupõe a adoção de atitudes despojadas de hierarquização, que tornem esse processo o mais humano e verdadeiro possível, possibilitando uma convivência harmoniosa e respeitosa. Seria, certamente inadequada e contraditória, uma postura de influência baseada em impor a cultura do pesquisador como solução ao contraste

de convívio social pontuado. Tal assertiva torna-se preponderante, haja vista que os sujeitos devem ser convidados ao encontro dialógico igualitário, pois, frequentemente e, decorrente do pensamento colonial mantido, são vítimas do controle sistemático, da opressão, do descaso e do afastamento, por parte de quem os domina, oprime e desconsidera suas capacidades de produzir conhecimentos, aprendizados e culturas em seus modos de vida próprios. Por outro lado, e tão importante quanto, não se deve limitar o trabalho em análise apenas para propiciar um espírito de solidariedade, reconhecimento e compreensão perante os sujeitos marginalizados e ou excluídos, muito mais do que isso, é fundamental buscar possíveis caminhos de libertação e de autonomia.

Esse encontro face a face vai pressupor acolhimento mútuo, exigindo das pessoas “disponibilidade para o diálogo”, escuta, tolerância e respeito. Tanto Freire como Fiori e Dussel sublinham que essa abertura requer, em primeiro lugar, sair de si mesmo, mas para isso é preciso abrir mão de qualquer forma de poder; na assimetria não há diálogo, porque o outro nunca pode ser objeto de domínio, de possessão ou conquista intelectual. Numa sociedade como a nossa, de tradição marcadamente autoritária, herdeira de uma matriz colonial cuja ideia de vida digna se sustenta no controle da economia, o controle do conhecimento, o controle da subjetividade, dos dominados, o controle do gênero, da sexualidade, são expressão de uma racionalidade opressora. Por isso, é de relevante encontrar caminhos democráticos para dar curso à necessidade da racionalidade do diálogo emancipador, não como doação ou pura cortesia [...] (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 65).

A presente pesquisa, centrada na busca de um encontro dialógico, delimitou-se ao contato com alguns representantes de um determinado segmento profissional, o qual se encontra presente e permanentemente atuante nas relações sociais contemporâneas. São observados com muita facilidade pelo olhar humano, entretanto, por várias vezes, despercebidos no contato cotidiano – referimo-nos aos (às) frentistas. Por definição, são aquele (a) s que operam em alguma frente de trabalho, mas nosso foco diz respeito aos atendentes dos postos de combustível, operando e vivendo, sobretudo, no ambiente urbano capitalista das grandes cidades.

O (a)s frentistas aos quais nos referimos trabalham e vivem em uma próspera região do Brasil, em termos de desenvolvimento socioeconômico e até no plano educacional formal. Isso não quer dizer, entretanto, a não existência de uma assimetria em termos de convivência de diversificados grupos sociais, ou seja, a dimensão de poder econômico segmenta pessoas que exercem seu grau de dominação em relação a outras, subjugadas durante as relações sociais diárias. Assim, a pesquisa com aqueles sujeitos, foco de nosso trabalho, deu-se nas cidades de Piracicaba-SP e Campinas-SP.

É necessário destacar que a motivação para buscar o encontro com o(a)s frentistas surgiu da observação sobre como algumas pessoas mais abastadas lidam com esses *outros* durante os momentos em que se utilizam dos seus serviços profissionais, nos postos de venda de combustíveis. Nossos primeiros olhares, até como usuários desse sistema, apontaram para uma percepção de que, não raro, havia claras evidências de uma relação de “superioridade X inferioridade”, na qual, os clientes mal se dirigiam condignamente com seus (uas) serviços durante a operação de abastecimento ou prestação de outros serviços agregados nos postos.

Em um primeiro momento, passamos a aprofundar a observação, procurando visitar locais de forma mais frequente e, sempre que possível, tentando entender aquela dinâmica: o ato de abastecer, atender o cliente, as falas, os gestos, as expressões, o relacionamento mantido e, assim, o que representa esse contato social constante e inevitável, entre pessoas detentoras de um *status* financeiro, tradicionalmente vistas como de maior importância, por exemplo: médicos, advogados, professores, profissionais liberais, empresários, jovens de origem familiar rica, com frentistas.

Cabe aqui sublinhar que outras pessoas se fazem presentes nos postos de combustível, não necessariamente só aquele primeiro grupo descrito, o que poderia levar o leitor a entender que excluímos tantos outros. Não se trata disso, até porque outro (a)s não inserido(a)s no segmento exemplificado, não estão impedido(a)s de manifestar expressões opressoras com frentistas. O que se coloca em discussão é que, em linhas “capitalistas” gerais, no modelo colonial herdado, sobressai a ideia de que “quanto mais dinheiro, mais poder e mais cultura” – lembremo-nos de que nossas riquezas, violentamente usurpadas na colonização, mediante exploração desumana da mão de obra latino-americana, “abasteciam” o aparelho monárquico europeu, berço de uma cultura hegemônica e considerada superior. Mudou, como foi dito, a colonização, mas o espírito de colonialidade está muito vivo no tempo presente.

Posteriormente, passamos a abordar alguns(mas) frentistas para, inicialmente, explicar-lhes o nosso trabalho. Nossa fala pautou-se sempre pela ética, respeito e liberdade para que pudessem, gradativamente, sentir-se completamente confortáveis e seguro(a)s para participar dos futuros encontros que colocamos em proposta dialógica. Houve, então, um contato muito acolhedor e verdadeiro em seu propósito, tudo isso tornando viável essa busca de compartilhamento.

As primeiras aproximações e conversas foram questionadoras sobre como pessoas de maior poder econômico o(a)s tratavam durante os momentos em que se relacionavam; ouvimos quase em uníssono que era muito comum a prática de sequer receberem “um bom

dia”, um aceno de cabeça, um agradecimento, uma expressão de gentileza; ao contrário, vários clientes não notavam suas presenças, apenas se limitando aos atos de apresentar-lhes um cartão bancário, digitar a senha e partir. Fato muito curioso e surpreendente quando nos foram relatados alguns casos em que, pessoas dentro do carro, esticavam o braço para fora da janela, olhar fixo em seus celulares, pronunciando energicamente uma palavra: - “*Vinte*” (que pode ser: trinta, cinquenta, ou outro valor qualquer) – entretanto, o(a) frentista teria que decodificar se tratava de reais ou litros, se era para abastecer com etanol ou gasolina; ou seja, não seria preciso estabelecer uma comunicação clara, minimamente lateral, pois quem está dentro do carro não se interessa por quem está fora.

ANUNCIANDO OPRESSÃO: DIÁLOGO COM FRENTISTAS INVISIBILIZADOS

Observamos, durante novos encontros, a percepção clara do(a)s frentistas em relação ao tratamento opressor vivenciado em seu cotidiano e apresentando-nos que, realmente, muitas vezes não são mesmo visto(a)s. Curiosamente, também, que tal prática não é exclusiva dos considerados e rotulados como os *mais ricos*; na fala de uma delas, em Piracicaba-SP, por exemplo,

“A maioria são grossos. O ser humano é isso, eles têm a razão em tudo. As pessoas não olham na sua cara. O problema maior não é com os mais ricos e sim com alguns que se acham”.

Durante esse encontro, foi possível perceber sua indignação com o desrespeito e a falta de diálogo entre os que se colocam em plano de superioridade, estabelecendo um contato de violência, conflito e confronto, pois

*Teve um dia que o cliente chegou e parou na bomba de diesel, aí eu dei bom dia e perguntei: - Senhor, é diesel? **E ele não respondeu, nem olhou pra mim** e falei de novo: - Senhor, é diesel? Ele saiu do carro e foi na loja. Então eu abasteci. Aí ele queria voar em mim. **‘Olha o que você fez sua burra’**. Depois que ele falou que o carro era flex. O que tá acontecendo é falta de diálogo das pessoas. (FRENTISTA 1, 2015, grifo nosso).*

Nessa mesma perspectiva de percepção, reforçando o anúncio de preconceito e violência manifesta, continuou contando que

*No posto é proibido fumar e tem que tirar o capacete...aí outro dia parou um cara de moto e começou a fumar e eu pedi pra ele apagar: - Moço por favor...o senhor não pode fumar...ele nem deu bola...pedi de novo...**aí ele veio agressivamente e falou: - Quem é você pra falar assim comigo?** Aí eu abasteci e ele foi embora. (FRENTISTA 1, 2015, grifo nosso).*

Em outro encontro, com outro sujeito, também em Piracicaba-SP, ouvimos novos anúncios de práticas opressivas, ratificando relações sociais de dominação cotidianas com frentistas, afirmando que

Quanto mais a pessoa tem posses, mais grossa ela é. A pessoa não olha na sua cara. Eles se sentem superiores. Uma vez chegou um carro com quatro meninos, filhinhos de papai entre aspas e pediram pra por álcool e o frentista pôs gasolina. Desceram os quatro. “- Ah, você é frentista”!

[...]

Um cara que usava droga, ia lá sempre pedir dinheiro e às vezes o cartão dele não passava e aí me ofendeu, me falou que eu era vagabunda, que eu era frentista, que não era à toa que eu tava de frentista. Quis dizer que eu era ignorante, que eu era burra por estar ali. Ele não sabe nada da minha vida pra ele poder falar isso. O cara é dependente químico, depende da mulher, ele precisa ir lá pra pedir dinheiro pra mim pra comprar droga e eu que sou burra? Não pode falar isso! A mulher dele apareceu no posto depois e disse pra mim assim: falou que eu tinha que por no meu lugar, que ela tinha muito dinheiro e ela podia conversar com o gerente pra me mandar embora, eu falei pode ir. (FRENTISTA 2, 2015, grifo nosso).

Nesse mesmo encontro, acima narrado, constatamos novo anúncio, desta vez, em termos de opressão de gênero, pois não bastasse ser frentista, uma profissão “inferior”, a pessoa participante do encontro também é mulher, sofrendo, cumulativamente, demonstrações machistas e preconceituosas que também perseveram em uma sociedade colonial como a nossa. Entretanto, é possível perceber sua indignação e a tentativa de libertar-se de tal situação, assim

Homem te canta, se você não cede, ah você é frentista! Você não presta! Quer dizer, ele quer sair com você, mas se você não quer, aí você não presta, sendo que você tá ali, tá trabalhando, honestamente, você não tá roubando de ninguém. Tem muito. Isso é ruim, tem muito preconceito, tipo assim: frentista é fácil entre aspas, não é uma função elitizada. Tem que ser mais respeitado, eu acho! (FRENTISTA 2, 2015, grifo nosso).

Os encontros ocorridos em Campinas-SP também nos permitiram compartilhar experiências agregadoras, em torno das relações e contatos que retratam evidentes manifestações de dominação com frentistas. Ratificam, igualmente, um sentimento de descontentamento em relação à postura de pessoas que não os enxergam. Um dos sujeitos com o qual dialogamos nos relata que

Tem gente que nem olha para gente. Tem gente que se acha o rei! Por aqui a gente pega todo tipo de carro, todo tipo de pessoa, mas tem cara que trata como pedinte de rua. Você deu bom dia e tem gente que nem vê nossa cara e coloca chave para fora: ‘- Bota trinta de gasolina’. Falo com taxista e até eles vêm na pressa e não conversam muito com a gente, para não perder corrida. Esse bairro é bom, mas quem mora aqui é mal-humorado. A gente não é melhor ou pior que quem abastece, mas tem cara que não faz questão de tratar o outro bem. Sempre cumprimento e muitos só respondem por educação, também. (FRENTISTA 3, 2015, grifo nosso).

[...]

Um ‘playboyzinho’ parou outro dia por aqui, com som alto, e falou para abastecer. Entendi errado quanto era para colocar e ele me xingou, falou

que eu era um trouxa. Pedi desculpa e ele disse que só pagaria, mas por ter dó de mim. Quase briguei, naquele dia! (FRENTISTA 3, 2015, grifo nosso).

Em seguida, após novo encontro, ouvindo a fala de outro sujeito que, na oportunidade, além de reiterar o posicionamento antagônico de “*mais versus menos cultura e educação*”, também sublinhou sua peculiar percepção de que, mediante o juízo de valor do qual foi-lhe imposto, reconhece ser sua condição inferiorizada na sociedade colonial em que vivemos, pois assim nos disse

Sempre tento fazer bem o meu trabalho, mas não quero isso para meus filhos, não. Um deles quis virar frentista e o outro mecânico. Mande estudar e trabalhar em outra coisa melhor, para ajudar em casa. (FRENTISTA 4, 2015).

[..]

Tem cliente que trata bem, mas a maioria nem olha para gente. Você puxa papo e isso é raro. Atendi um japonês com caminhonete hoje à tarde e foi apontando a chave na minha cara, olhando para baixo como se eu fosse capacho dele. Fiz minha parte e só fiquei pensando como deveria ser a família dele, coitado! (GRIFO NOSSO). (FRENTISTA 4, 2015).

ENSINANDO E APRENDENDO NA BOMBA DE COMBUSTÍVEL

Para chegarmos à consecução de objetivos previamente estabelecidos no trabalho em curso e, tendo como premissa o fato de que a educação também está presente em diversos espaços fora da escola, por exemplo, nas comunidades populares, urbanas ou rurais e ou nos mais variados ambientes de convivência social, procuramos transcrever depoimentos dos mesmos sujeitos presentes nos encontros, que pudessem subsidiar práticas cotidianas de ensino e de aprendizado. Assim, ensinam, conforme abaixo descrito:

Teve uma mulher que parou o carro e me deu a chave, nem olhou pra mim e falou pra abastecer uma quantidade lá de álcool. Abasteci e quando eu fui devolver a chave, falei pra ela: “- Um bom dia pra senhora também”. Aí ela ficou sem graça e falou pra mim: “- Me desculpa, às vezes a gente esquece de ser educada”. (FRENTISTA 1, 2015, grifo nosso).

[...]

O pessoal para muito pra pedir informação ...Vem cá... aí a pessoa fala: “- Viu, onde é que é tal lugar?” Eu falo: “- Boa tarde, primeiro, tudo bem com a senhora? Pois não!” Aí a pessoa: “- Nossa! Desculpa!” Acontece muito, muito, direto. O pessoal lá no posto inclusive fala que eu sou, que eu pareço velha, que eu cobro isso das pessoas, porque aí a pessoa vai se tocar e não vai mais fazer comigo, nem comigo nem com outra pessoa, entendeu?” (FRENTISTA 2, 2015, grifo nosso).

E aprendem assim:

*Cada dia tá pior e acho que vai piorar. É a correria do dia a dia. Não tem mais gentileza. Olha, eu sou educada com as pessoas do comércio, porque eu quero ser bem tratada. (FRENTISTA 1, 2015).
Trabalhar com o público é muito difícil. Quando a pessoa é humilde ela trata de igual pra igual. Os caras do bairro, imagine, não dão nem obrigado. Acho que você ser educado não custa, por favor você pode olhar? Muito obrigado! (FRENTISTA 2, 2015).*

DO ENCONTRO DIALÓGICO PARA UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

Os encontros relatados, inquestionavelmente, foram muito fecundos para que pudéssemos entender a amplitude da distância estabelecida entre grupos sociais heterogêneos. Em um plano, superior por imposição, nitidamente aceito e reproduzido, encontram-se algumas pessoas que assumem um papel de dominação, garantido pelo poder econômico que dispõem. Em outro, inferiorizado pela condição de vida que permeia seus variados ambientes de presença social, em particular, nos sujeitos observados, o que tange sua atividade profissional, adstrita a um conceito de menor nível na sociedade contemporânea em que estamos inseridos.

Preocupa-nos, porém, que nosso trabalho, junto a esses sujeitos, conscientes e sabedores da realidade em que vivem, muitas vezes balizada por uma série de dificuldades, não se limite apenas a retratar tais evidências opressoras, o que poderia abreviar suas esperanças, frustrando-o(a)s de reverter ou minimizar tal quadro de dominação descrito. Aliás, chamamos a atenção para que seja factível uma ação transformadora, a qual não deixe restar dúvida a ele(a)s da possibilidade de melhores condições de vida, assim

É possível que um dos grandes problemas para os profissionais, pesquisadores e militantes seja a forma com que as classes subalternas encaram uma vida, existência marcada, cercada de pobreza e sofrimento. É bem provável que esses setores da população tenham uma enorme lucidez sobre sua situação social [...]. Mas clareza da sua situação social pode significar também clareza de que uma melhoria significativa seja uma ilusão. Neste sentido, a crença em melhorias e numa solução mais efetiva pode apenas ser um desejo, embora importante, da classe média comprometida. Isso significaria que a percepção da população seria mais lúcida e realista, a não ser que se configure uma conjuntura com indicações de possibilidades reais de mudanças que favoreça a classe subalterna. (VALLA, 1996, p. 185).

É preciso, ainda, expressarmos a visão de que mergulhar em uma experiência, a pesquisa de base etnográfica e o diálogo com os sujeitos frentistas foi, realmente, um despojar-se de nossas especificidades e tentar nos apropriar, no que possível, das “lentes que os fazem enxergar” o mundo de outras maneiras. A partir, então, de um novo olhar diferenciado e consonante à necessidade de apresentar seus anúncios, mediante a explanação do que possamos denunciar, criar as bases para modificar sua situação social, então

A convivência entre distintos atores sociais, inserida no contexto social em que as pessoas vivem, representou uma importante oportunidade de confrontar formas de construção de conhecimentos empíricos e teóricos. Além disso, essa mesma convivência, mediada pelo diálogo, proporcionou a possibilidade de refletir junto com a comunidade sobre factíveis ações sociais transformadoras [...].(VASCONCELOS, 2014, p. 197)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o presente trabalho procurou mostrar evidências de que ainda vivemos em um “sistema-mundo norteador”, hoje, capitalista por essência. O legado eurocentrista, cuja gênese se deu a partir de um pensamento centralizador, colonialista e unicista-monocultural está presente nas relações sociais cotidianas.

Séculos atrás, no modelo metrópole-colônia, imperava a preponderância de uma cultura superior (sistema-mundo eurocentrista), dos conhecimentos científicos, da literatura, da educação, das artes, dos artefatos, todos assumidos como referenciais válidos e verdadeiros. Essa cultura excluiu a possibilidade de compartilhamento dos saberes vivenciados pelos povos originários da América Latina, tornando-os exteriores a uma totalidade que abarcava o conceito de cultura.

Naquele tempo, o dominador europeu oprimia violentamente as expressões autóctones, impondo a cultura superior, ou seja, além do exercício de poder político-administrativo, já se vivenciava uma espécie de invisibilização de pessoas que resistiam em manifestar diferentes visões de mundo (suas culturas, plurais) e, ao mesmo tempo, a operou-se a construção de aparelhos de controle social nas diferentes formas de relação entre dominador e dominado (escola, religião, trabalho). Nos dias de hoje, encontramos em vários espaços de convivência humana, reflexos marcantes de que o sistema eurocêntrico, não mais necessariamente “europeu”, mas ainda “norteador” permeia a vida em sociedade.

É muito comum associar a imagem de algumas pessoas que possuem uma formação educacional superior, que estão ocupando postos bem remunerados no mercado de trabalho, que gozam de prestígio social e possuem uma boa condição financeira, como sendo aqueles que vivenciam a cultura superior contemporânea (um modo de vida ideal). Diametralmente opostas, estão “outras” pessoas que, diferentemente do grupo anterior, não desfrutam das benesses elencadas, portanto, excluídas do conceito hegemônico de cultura. Assim, por estarem, igualmente fora do contexto cultural de referência, a exemplo dos originários latino-americanos, também são gravemente oprimidos, pela impossibilidade de compartilhar seus saberes e, assim, serem despercebidos, portanto, invisibilizados.

Procuramos, verdadeiramente, o encontro com alguns desses outros sujeitos, especificamente frentistas para, de forma mutuamente dialógica, compartilhar suas percepções sobre as relações de poder mantidas em suas diferentes realidades. Concluímos que estão sendo vitimizados por algumas pessoas que, fruto da ideia de colonialidade que se manifesta na nossa sociedade, produzem a opressão, por meio de práticas desrespeitosas, excludentes, preconceituosas, nos contatos cotidianos entre tais grupos.

Constatamos que seus anúncios convergem para uma tentativa de resistir a esse quadro que se apresenta, a partir da percepção de que alguns dos sujeitos participantes dos encontros rejeitam a ideia de serem “inferiorizados”, por não admitirem ser mais tão natural a postura dos que os dominam. Demonstram, portanto, sinais de uma nascente conscientização de mudança nesse cenário imposto.

Por fim, reiteramos a ideia de que, ao sairmos do ambiente acadêmico e nos inserirmos em diversificados espaços de convivência, estamos procurando denunciar práticas opressoras que ocorrem na sociedade capitalista em que vivemos. Herança de um sistema colonialista histórico, a colonialidade de hoje é aquela que cria assimetrias entre algumas pessoas que, representam-se como os culturalmente superiores e, em outra dimensão, diversos sujeitos invisibilizados, alijados da totalidade cultural estabelecida. Esperamos que a problematização aqui discutida seja um ponto de partida para novas reflexões e, sobretudo, potencialize uma ação transformadora e emancipadora, a qual permita libertação e autonomia dos oprimidos, não só de frentistas, mas de tanto (a) outro (a)s. Entendemos que é necessária a continuidade dessas discussões, objetivando criar novos espaços e possibilidades de inserção no âmbito das políticas públicas inclusivas e de garantia dos direitos humanos desses invisibilizados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-OLIVEIRA, S. S. Exterioridade o outro como critério. In OLIVEIRA & SOUZA (orgs.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos, EdUFSCar, 2014 (p. 65-102).

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. En: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. (p.55-70).

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, v.21, n.2, 1996 (p.177-190).

VASCONCELOS, V. O. Diálogos às margens: reinventando a educação popular em contextos de trabalho comunitário e pesquisa. In OLIVEIRA & SOUZA (orgs.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos, EdUFSCar, 2014. (p. 197).